

O SÍTIO E A LAJE 1 DO CASTELINHO (CILHADES, FELGAR, TORRE DE MONCORVO). CONTRIBUTOS PARA O CONHECIMENTO DA II IDADE DO FERRO EM TRÁS-OS-MONTES ORIENTAL

THE CASTELINHO ARCHAEOLOGICAL SITE AND ITS ENGRAVED SLAB NUMBER 1 (CILHADES, FELGAR,
TORRE DE MONCORVO). CONTRIBUTIONS TO THE KNOWLEDGE OF THE SECOND IRON AGE IN EASTERN
TRÁS-OS-MONTES

*Filipe João C. Santos**
*Eulália Pinheiro***
*Fábio Rocha****
*Jose Sastre*****

Resumo

Pretende dar-se a conhecer, resumidamente, os resultados alcançados até à data pela intervenção arqueológica no sítio do Castelinho, correspondendo este, na sua essência, a um habitat fortificado da II Idade do Ferro. Procura-se, de igual modo, apresentar uma primeira contextualização cronológica para um conjunto sem paralelos de lajes insculptadas da Idade do Ferro, partindo essa abordagem do primeiro elemento de “arte móvel” aqui identificado (Laje 1). Contando hoje com mais de quatro centenas de lajes e/ou fragmentos de lajes gravadas, aliando-se a esta coleção um conjunto assinalável de construções perfeitamente diacrónicas e distinto material arqueológico associado, o sítio fortificado do Castelinho é, aos olhos daqueles que hoje o vêem - talvez seja sempre! -, um caso paradigmático dentro das estratégias sidéricas de ocupação do território na região transmontana.

Palavras-chave: Castelinho, Idade do Ferro, Arte rupestre móvel.

Abstract

We intend to make known in brief, the results until the current date of the archaeological intervention in the site of the Castelinho, which is essentially a fortified habitat from the late (second) Iron Age. We also want to present a preliminary chronological contextualization of the collection of Iron Age engraved stone slabs, starting with the first element of ‘mobile art’ discovered in the Castelinho (Slab 1). Today, having recovered more than three hundred engraved plaques or fragments of plaques associated with a collection of distinct structures and related archaeological material, the fortified site of the Castelinho in the eyes of those who see it today - and maybe will be forever! - a paradigmatic site within the study of Iron age occupation in Trás-os-Montes.

Keywords: Castelinho, Iron Age, “mobile art”.

* Arqueólogo. Licenciado em História, variante de Arqueologia pela FLUC, Coordenador do Estudo Etno-Arqueológico de Cilhades (ACE). santos.philipe@gmail.com

** Arqueóloga. Licenciada em Arqueologia pela FLUP, Co-Responsável Científica pela intervenção no Castelinho (ACE). eulaliapinho@gmail.com

*** Arqueólogo. Licenciado em Arqueologia pela FLUP, Co-Responsável Científico pela intervenção no Castelinho (ACE). fabioricardorocha@gmail.com

**** Arqueólogo. Doutorando em Proto-história pela Universidade de Granada, Coordenador do Estudo da Idade do Ferro no Vale do Sabor(ACE). josesastreb@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO¹

As intervenções arqueológicas em sítios ocupados na Idade do Ferro da região transmontana, embora com alguma tradição e muitos episódios documentados², não foram, mesmo em associação a outros trabalhos, nomeadamente de prospecção e inventariação de lugares centrados também neste período³, suficientes para que conseguíssemos, hoje mesmo, deter sobre ele um quadro rigoroso. Nunca um projecto de investigação aqui se desenvolveu que contemplasse a escavação, em extensão, de um conjunto de estações arqueológicas coevas, podendo-se esperar, no final, que o mesmo pudesse vir a contrastar toda a informação colhida e possibilitar ainda a sua comparação com as realidades que se conhecem de outras geografias. A falta de sítios intervencionados, aliada às lacunas de seriações exaustivas de materiais arqueológicos, bem como de estudos muito específicos — paleobotânicos, faunísticos, por exemplo —, para além de terem mantido os conhecimentos sobre a Idade do Ferro desta região muito fragmentados, não puderam nunca destrinçar um conjunto de realidades que agora, casualmente, se têm vindo a revelar.

Pelo exposto, os trabalhos que têm sido levados a cabo no sítio do Castelinho constituirão, sem dúvida alguma, conjuntamente com o restante trabalho científico que se encontra a ser realizado em paralelo⁴, um contributo importante na exploração de um universo ainda muito mal conhecido. Deverá acrescentar-se ainda que a contextualização estratigráfica do material arqueológico aqui recuperado, nomeadamente aquele que se reporta ao excepcional conjunto de lajes gravadas, permitirá afinar algumas das cronologias avançadas para outros contextos — alguns dos quais bem documentados em áreas geográficas muito próximas (Luis, 2010: 53) — conotados também com as manifestações artísticas da Idade do Ferro.

Não obstante, a sobrevalorização da importância entre a relação do conjunto de placas gravadas e o sítio em si, sem que esta obviamente deva ser retirada, deverá ser vista com as devidas reservas. A arte rupestre móvel do Castelinho, em conjunto com as restantes particularidades que o sítio apresenta, não poderá, por si só, transformá-lo num lugar único. A arte presente no Castelinho, temos disso a certeza, encontra-se também no registo arqueológico de outros sítios, coevos deste e com características similares⁵.

Muito embora não se tratasse de um sítio inédito, apenas com o conjunto de acções desenvolvidas no âmbito do *Aproveitamento Hidroeléctrico do Baixo Sabor*⁶ se pôde trabalhar na efectiva caracterização deste excepcional lugar. Fortificado na II Idade do Ferro, sabemos hoje que a ocupação humana daquele espaço se iniciou num período ainda anterior, tendo-se a mesma estendido no tempo, comprovadamente, até ao século I d. C.

Tendo por base a apresentação e descrição do primeiro elemento de arte rupestre móvel que aqui foi identificado⁷, procura-se traçar a evolução diacrónica deste lugar, intentando-se igualmente uma primeira aproximação à contextualização do emblemático conjunto de placas gravadas, apontando-se para as mesmas uma cronologia centrada, como procuraremos demonstrar, na II Idade do Ferro.

¹ Agradecemos a Andrew May a tradução do resumo para a língua inglesa.

² Vejam-se, por exemplo, alguns dos trabalhos levados a cabo por Santos Júnior em Trás-os-Montes (1929: 3; 1952: 302; 1957: 25).

³ Observe-se, também a título de exemplo, o trabalho de Sande Lemos (1993: 178).

⁴ O estudo paleobotânico encontra-se em curso por João Tereso (FCUP-CIBIO) e o estudo faunístico por Cleia Detry (UL-UNIARQ).

⁵ Deverá ser referido que outras estações arqueológicas da Idade do Ferro, cujos resultados ainda não foram publicados, têm vindo recentemente a denunciar a existência de um conjunto também significativo de elementos com arte rupestre. Serão de salientar o povoado de Crestelos (Meirinhos, Mogadouro), em escavação no mesmo âmbito do Castelinho, e o sítio da Fonte do Milho (Canelas do Douro, Peso da Régua), neste último caso, segundo informação pessoal de Javier Larrazabal, responsável científico pelas últimas intervenções arqueológicas neste sítio.

⁶ Os trabalhos arqueológicos que ali têm vindo a ser desenvolvidos desde Fevereiro de 2011 enquadram-se dentro do *Estudo Etno-Arqueológico de Cilhades*, equacionado no âmbito das medidas de minimização decorrentes da referida empreitada. Esta monumental obra de engenharia, suportada pela EDP, encontra-se em construção através do consórcio formado pelas empresas Bento Pedroso Construções e Lena Engenharia e Construções, ACE.

⁷ A mesma foi identificada por João Nicolau, topógrafo afecto à intervenção do Castelinho, aquando do registo por desenho das estruturas arqueológicas que o sítio comporta.

2. LOCALIZAÇÃO E ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO

O sítio fortificado do Castelinho localiza-se na extremidade nordeste de Portugal, na parte sul da região de Trás-os-Montes. Administrativamente, pertence ao concelho de Torre de Moncorvo e distrito de Bragança, incluindo-se num grupo maior de outras estações arqueológicas do lugar de Cilhades⁸. Documentado desde o período medieval e época moderna, por carta régia⁹ e cartografia da época, respectivamente, Cilhades parece ter-se constituído, deste sempre, como um ponto importante da travessia do rio Sabor. Este lugar, na sua essência, corresponde a uma fértil porção de terra situada sobre a margem direita do rio, encontrando-se o restante território da freguesia à qual pertence, Felgar, na margem oposta.

Em plena zona de vale, o Castelinho ocupou estrategicamente um ponto elevado da sua orografia, correspondendo este a um pequeno esporão de topo aplanado — de substrato xistoso — sobranceiro ao rio Sabor.

Muito embora não se tenha organizado no ponto mais elevado do território em redor, detém sobre esse espaço, e muito em particular sobre um troço significativo do rio que lhe corre a sul, um amplo domínio visual. O local escolhido, por outro lado, estabelecido a 212 m de altitude, acaba por se encontrar naturalmente defendido em três das suas vertentes, observando-se a única excepção a norte, onde aí se situa uma pequena plataforma de acesso privilegiado ao pequeno promontório. Constituindo-se como o ponto mais exposto, a extremidade norte do esporão e plataforma confinante, sobretudo — e como mais adiante se verá —, acabariam por se ver amplamente fortificadas.



Fig. 1 — Localização do Castelinho no mapa da Península Ibérica e na C.M.P, fl. 119.

3. O SÍTIO DO CASTELINHO¹⁰

Uma linha de muralha, de imponente aparência, era perfeitamente observável antes mesmo do início dos nossos trabalhos, denunciando o seu traçado circundar a totalidade do esporão onde se estabeleceu. Esta estrutura, edificada não na base deste pequeno promontório mas a uma cota ligeiramente superior, denotava uma construção maciça, de alvenaria insossa. Haveria de comprovar-se que na sua elevação,

⁸ As coordenadas *Datum 73* retiradas a um ponto central deste sítio são as seguintes: M=97404, P=175411. Representado na Carta Militar de Portugal, esc. 1/25.000 n.º 119.

⁹ Documento de D. Sancho I (127), datado de 1200, dando conta da doação do Reguengo de Cilhades aos povoadores de Mós (AZEVEDO *et al*, 1979: 198).

¹⁰ Dado o limite de páginas para um desenvolvimento maior da totalidade de considerações que gostaríamos de tecer em relação a este sítio, sugere-se a seguinte leitura: SANTOS F. *et al*, 2012: 168.

e sobre uma prévia camada de regularização, se utilizaram sobretudo lajes de xisto, dispostas à face em fiadas horizontais muito regulares, articulando-se estes paramentos com um núcleo possante de lajes e blocos de xisto muito bem imbricados. Toda a matéria-prima, do xisto ao metagrauvaque é local, encontrando-se no próprio sítio ou nas suas imediações. Com cerca de 4 m de largura máxima, descreve um perfil trapezoidal, sendo a base visivelmente mais larga que o topo preservado desta construção. Apenas em raras ocasiões se assiste à colocação da primeira fiada de base junto ao topo do afloramento rochoso, sendo este aspecto mais notório na face externa desta construção.

A par da muralha, e dentro das estruturas conotadas com o sistema defensivo, eram também perfeitamente visíveis dois torreões, um de maiores dimensões, localizado na extremidade norte do perímetro amuralhado, e um outro, menor, implantado nos limites deste a sudeste. Ambos apresentavam visivelmente uma planta subcircular, tendo acabado por se verificar que o torreão norte se edificou por sobreposição imediata em relação ao topo da própria linha de muralha, camuflando-a, bem como de uma plataforma que com esta se veio a articular. No que toca ao torreão sul, este encontrava-se perfeitamente adossado ao tramo de muralha que se desenvolvia sobre todo o lado este deste lugar.

A progressão dos trabalhos na extremidade sul do Castelinho haveria de denunciar ainda a presença de um eventual terceiro torreão, localizado imediatamente a oeste daquele que ali era já visível¹¹. Entre estas duas estruturas acabaria por ser revelada uma das primitivas passagens do recinto murado. Com apenas 1,40 m de largura, este acesso voltado ao rio, para além de poder conotar-se com o próprio controlo do Sabor, assume-se como ponto privilegiado deste sítio dada a proximidade a esta via navegável. Nesta extremidade sul, os dois possíveis torreões, assim como o troço de muralha que sobre estes se desenvolve imediatamente a oeste, estabelecem-se sobre uma crista de talude artificial muito pronunciada, tendo esta situação, assim julgamos, sido responsável por uma rápida destruição das construções que sobre ela se implantaram.

Atendendo à planta por nós conseguida nos primeiros levantamentos topográficos realizados neste local, desde logo com algumas das estruturas aludidas inclusas, ficaria evidenciado que o perímetro amuralhado que o mesmo comporta, único, assume um contorno tendencialmente ovalado, com cerca de 100 m de comprimento por 60 m de largura, orientando-se segundo o eixo noroeste/sudeste. Trata-se, pelo exposto, de um sítio com uma área interna murada bastante reduzida, não ultrapassando o meio hectare. Em todo o caso, deverá fazer-se notar que para um lugar com uma dimensão tão pouco expressiva, houve um enorme investimento por parte daqueles que o foram, faseadamente, modelando.

É hoje um dado estratigraficamente comprovado que após uma primeira etapa de monumentalização deste sítio, fase que corresponde à construção de uma muralha extremamente regular que se desenvolveu em torno do pequeno esporão, o Castelinho voltaria, mais tarde, a ser alvo de uma profunda reorganização ao nível do seu sistema defensivo. Sobre o lado mais exposto deste sítio, a norte, a modesta muralha haveria a dada altura de integrar um corpo de alvenaria maior, construído de forma escalonada, atingindo a parte com mais possança, na sua larga maioria adossada à face externa da muralha primitiva, os 11 m de largura. É nesta fase que se criam as condições para o estabelecimento da plataforma onde assentaria o torreão norte. Neste período, num momento que apenas podemos situar, por ora, entre os meados/ finais do século II a. C., a circulação no interior do recinto deixa de se fazer ao nível das cotas próximas do embasamento da primitiva muralha, tendo-se por esta altura elevado significativamente, com sucessivas camadas de aterro que comportam uma grande quantidade de material arqueológico da II Idade do Ferro, os níveis de circulação/utilização no interior. Esta elevação intencional dos níveis de circulação, de onde provém um dos elementos de cronologia relativa mais importantes deste sítio¹², tem vindo a observar-se em toda a área já escavada. Articula-se com a base de um lanço de escadas com 10 degraus que

¹¹ Não podemos descurar a possibilidade, que carece ainda de confirmação, destas construções — torreões — poderem ter feito parte de um plano reorganizador do espaço interno do Castelinho. Ou seja, não é de descurar que a muralha primitiva fechasse, por completo, aquele ângulo do recinto, tendo-se eventualmente, numa fase posterior, constituído ali uma entrada. O eventual terceiro torreão, de dimensões muito menores que as da estrutura que se encontra a ladear a este (4 e 8 m de diâmetro, respectivamente), poderá ter constituído um mero ponto de remate na interrupção levada a cabo na muralha.

¹² Moeda cunhada no povoado Ibérico de Castulo (Jaen, norte da Andaluzia) em meados do século II. d. C.

se observa na extremidade nordeste do recinto, perfeitamente encastrados à face interna da muralha reformulada, constituindo precisamente este ponto o início do seu desenvolvimento a este. Estes degraus permitiriam um acesso fácil, assim julgamos, ao “adarve” e ao próprio torreão norte, recentemente criado.

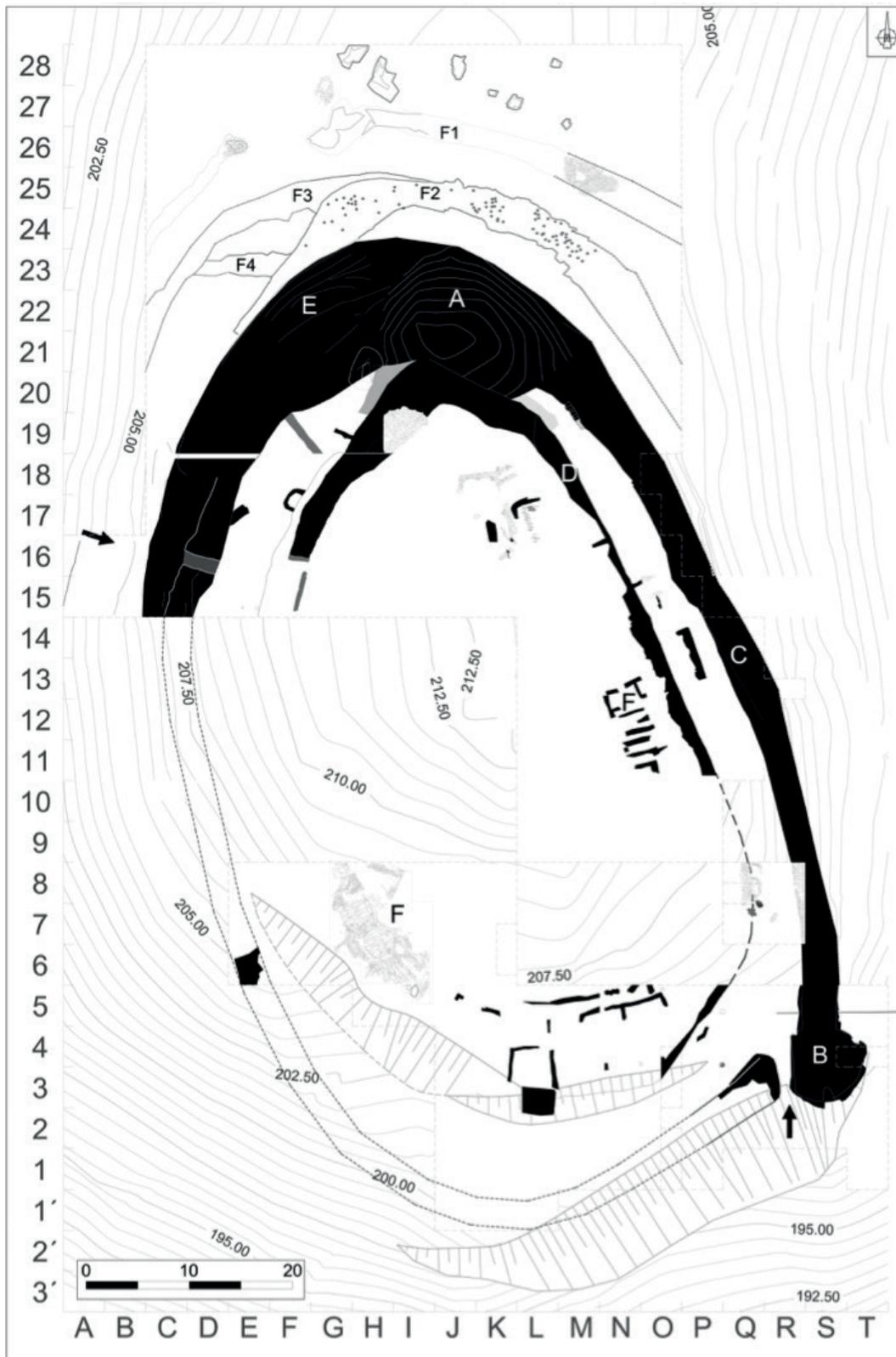


Fig. 2 — Levantamento topográfico do Castelinho:

A - Torreão norte, B - Torreão sul, C - Muralha, D - Muro de contenção plataforma superior, E - Muralha escalonada, F - Horrea, F3 - Fossos.

A profunda reformulação do sistema defensivo, levada a cabo sobre a extremidade norte deste lugar, — a mais exposta —, acabaria também por condenar uma das antigas portas do Castelinho, aberta num ponto de interrupção do primitivo troço de muralha ali identificado, sobre o lado oeste do recinto. À data, esta constitui uma das duas portas associadas, muito provavelmente, à primeira monumentalização deste lugar. Ao invés daquela que se localiza na extremidade sudeste, e que poderá ter continuado em funcionamento¹³, esta foi completamente obliterada pelo desenvolvimento da muralha escalonada para o lado oeste deste sítio, num ponto onde a ampliação aparenta começar a diluir-se com o troço da muralha antiga.

Da última fase de ocupação deste lugar, onde as muralhas deverão ter deixado de fazer o sentido inicial da sua criação, estabelece-se nova cota de circulação, desta feita com os níveis de colmatação — onde se edificam inúmeros buracos de poste em associação a construções de alvenaria de xisto, observando-se também alguns grandes vasos de armazenagem cravados — elevados ao nível do topo das muralhas preservadas. O material associado com esta nova fase edificativa, de onde sobressai um conjunto muito expressivo de *horrea*, encontra filiação dentro do mundo romano. Foi precisamente num dos muros de uma destas construções que foi identificada, reaproveitada, a laje 1 do Castelinho.

Terminando esta abordagem geral ao sítio fortificado do Castelinho, não queremos deixar de referir que também aqui foi constituído um grande fosso, devendo desenvolver-se, praticamente, ao longo de todo o seu perímetro amuralhado (Fosso 3). Esta estrutura negativa deve corresponder, juntamente com a primitiva muralha, à primeira fase de monumentalização deste lugar. Aparentemente, correlaciona-se com um conjunto de outras valas escavadas no substrato rochoso que têm vindo também aqui a ser observadas, mas cuja conotação com outras linhas de fosso não deverá, quanto a nós, ser tida em conta¹⁴. O fosso 3 terá sido ainda reaberto, provavelmente, aquando da segunda etapa de monumentalização deste sítio. A sua rápida e intencional condenação posterior, comportando o material de enchimento dezenas de lajes com arte rupestre, deverá ter tido lugar, pelas evidências estratigráficas, já em período romano.

4. A LAJE 1 DO CASTELINHO¹⁵

Trata-se de uma laje de xisto profusamente gravada, com apenas 0,55 m de comprimento. Na posição em que a apresentamos, possui 0,26 m de largura na parte inferior e 0,19 m de largura na parte superior. Apresenta uma espessura regular em torno dos 0,3 m.

Não foi encontrada no seu contexto original, tendo sido reaproveitada num dos muros das estruturas internas do Castelinho¹⁶. A face gravada não aparenta ter sido gravada na vertical, como é típico nos afloramentos xistosos da região. Originalmente, a pedra poderia estar integrada num afloramento de disposição tendencialmente horizontal, tendo a sua gravação sido feita nessa posição. A organização das figuras sugere diferentes posições de gravação, por vezes em ângulos diametralmente opostos, que mesmo tendo sido, por hipótese, uma laje solta estaria na horizontal e seria pensada para estar e ser vista nessa posição.

Nitidamente fragmentada, a laje gravada do Castelinho faria parte de um todo maior, sendo evidente a existência de motivos incompletos que se prolongariam na superfície de gravação original. Na posição em que a apresentamos é possível que o lado direito preserve os limites originais, não havendo motivos incompletos e existindo um perfeito enquadramento das figuras existentes. O lado esquerdo sofreu uma evidente perda de um bloco, sendo visíveis dois motivos incompletos na linha de fractura. O lado superior da laje, mais estreito, é o mais danificado.

¹³ No caso de se confirmar a sua contemporaneidade.

¹⁴ A norte do denominado fosso 3, encontram-se duas valas interrompidas que se desenvolvem em paralelo em relação à estrutura negativa. De menores dimensões, conotamo-las com eventuais valas para implantação de uma paliçada, podendo esta constituir a primeira linha de defesa deste sítio.

¹⁵ Agradecemos a Sofia Figueiredo e a Renata Morais pelo levantamento que se apresenta da Laje 1 do Castelinho.

¹⁶ Estruturas conotadas com um edifício de armazenagem, *horreum*.

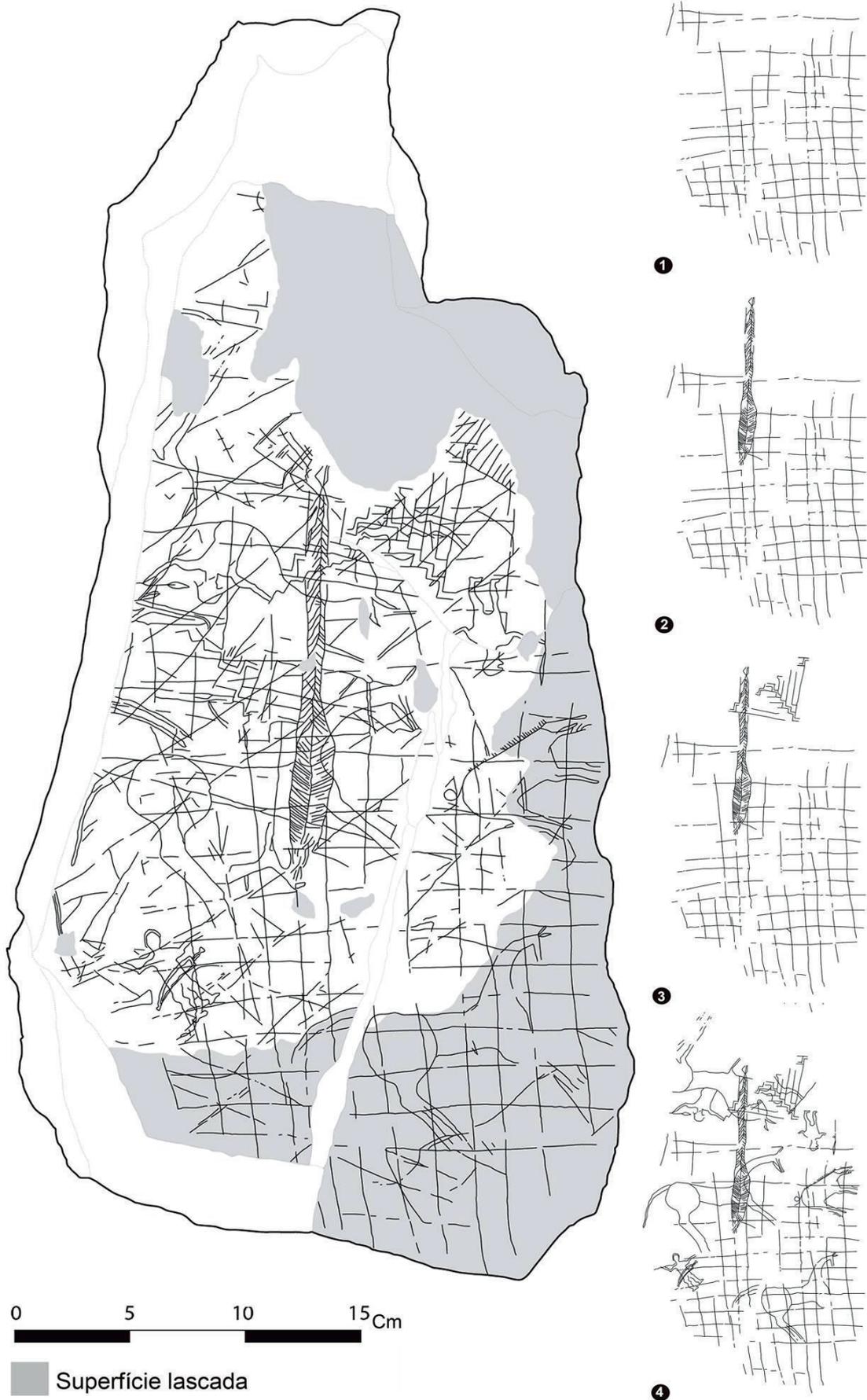


Fig. 3 — Laje 1 do Castelinho. Composição sobre a diacronia das gravações.

O maior de todos os motivos, ocupando quase todo o centro e parte inferior da pedra, é um reticulado simples. Realizado em longos traços paralelos e bem espaçados, numa sequência de onze traços horizontais, cortados por doze traços verticais.

No canto inferior esquerdo, perto da zona de fractura, encontra-se a figura de um guerreiro (uma figura humana usando e empunhando armas). A cabeça é oval, sem protuberâncias. Não aparenta ter os olhos, boca e nariz representados. Sobre a cabeça poderá ter um capacete, realizado através de uma linha oval paralela à cabeça. Os braços estão ao alto, abertos, não se encontrando representadas as mãos. Assumindo que a figura não está representada de costas, o braço direito segura uma lança na horizontal, com uma só ponta estreita e comprida, voltada para a direita. O corpo é rectangular. A parte inferior do corpo, perto do arranque das pernas, é atravessada por uma espada curva, cujo comprimento ultrapassa a sua largura. Tem a empunhadura do lado direito, terminando num pomo de forma levemente ovalada. Está embainhada. Sendo o elemento que mais dá orientação à figura, junto com a lança, as pernas são representadas de perfil, voltadas para a direita. Revelam-se grossas e musculadas. O pé esquerdo é de difícil visualização, notando-se no entanto um calcanhar largo e extremamente recuado, similar ao outro pé que termina de forma estreita e pontiaguda.

Acima da figura anterior surge um primeiro cavaleiro, também armado com lança. O cavalo é grande e elegante. Parece ter sido desenhado a partir da traseira. A garupa é desenhada como um semicírculo. Desta, arrancam para baixo dois traços, formando a pata traseira. Esta tem duas ligeiras inflexões, e está levemente inclinada para a frente.

A cauda é longa, larga e curvada, acompanhando a linha de fractura da pedra, mas sem por ela ser afectada. O corpo é formado por duas linhas que arrancam do círculo da garupa, compridas e levemente curvadas, realizando um corpo comprido e desproporcionalmente estreito. A pata da frente é quase rectilínea, sendo mais estreita e estando ligeiramente mais inclinada para a frente que a pata traseira. O pescoço é longo e largo, com forte curvatura, sem crina. A cabeça tem forma rectilínea, estreitando fortemente em direcção à boca. Do topo da cabeça arranca uma única orelha, longa, estreita e pontiaguda. Ela é rematada com um pequeno traço recto, do qual arranca uma longa linha ondulada, a qual, atravessando o pescoço do cavalo, termina no remate do braço do lado direito do cavaleiro, onde deveria estar a mão, que à semelhança do guerreiro anterior não está representada. Esta linha é a representação das rédeas. A figura do cavaleiro está muito desgastada. Distinguem-se bem os dois braços, ambos elevados ao ar, o do lado esquerdo segurando uma lança na horizontal, com a ponta voltada para a direita. O braço do lado direito, como vimos, segura as rédeas do cavalo. Os ombros são visíveis, mas a cabeça perde-se numa área afectada por pontos picotados. Apenas o arranque do corpo é visível. Por baixo da barriga do cavalo surgem vários traços de difícil interpretação.

Logo acima deste primeiro cavaleiro, encontra-se uma segunda figura humana a cavalo. Ambos estão do lado esquerdo da pedra, o já descrito no sector central inferior, o segundo no sector central superior, com um intervalo de poucos centímetros entre eles. O segundo está completamente invertido em relação ao primeiro. O cavalo do segundo cavaleiro é parecido com o anterior, nomeadamente na traseira, na posição adiantada das patas, no pescoço fortemente arqueado sem crina e na orelha comprida e estreita no topo da cabeça. Não é possível ver a terminação do círculo da garupa e cauda devido à fractura da pedra. Porém é uma figura mais naturalista e esbelta que o cavalo anterior. As patas são longas e mais estreitas, a cabeça, com grande realismo, tem a representação do olho. A boca termina em pequeno traço recto. Esta figura a cavalo é semelhante à do primeiro cavaleiro já descrita. Os braços estão ao alto. Um segura uma lança na horizontal, com a ponta oval e larga junto à sua cabeça. Do outro saem as rédeas do cavalo, (uma longa linha em ziguezague que termina no traço recto da boca do cavalo). O corpo é rectilíneo, finalizando no dorso do cavalo. A figura é mostrada sentada no cavalo, sem representação das pernas. O pescoço é alto, dando lugar a uma cabeça larga e ovalada, na nuca faz um pequeno vértice e na cara tem uma grande protuberância ovalada (talvez representando em perfil um capacete).

Entre estes dois cavaleiros, e junto à zona de fractura da pedra, surge um motivo que corresponderia às patas e cauda de um quadrúpede, talvez um cavalo. Está numa posição perpendicular aos dos outros dois cavalos já descritos, e tendo em conta a posição da cauda, a cabeça estaria voltada para baixo.

Ainda entre as cabeças destes dois cavaleiros encontra-se um pequeno motivo geométrico, formado por duas linhas paralelas que vão ascendendo em ziguezague até um topo aplanado, começando a partir daí a descer. Em cima há outro ziguezague só de uma linha.

O grande e original motivo geométrico desta pedra está imediatamente ao lado do segundo cavaleiro, sobrepondo-se à sua cabeça e pescoço. Este motivo não tem paralelo na região do Côa¹⁷. É uma figura definida externamente por traços rectilíneos que formam um quase quadrado. O traço de cima perde-se numa zona lascada da superfície. Um dos vértices do quadrado perdeu-se, mas os outros três apresentam uma abertura, em que dois traços rectos e paralelos saem para fora. Esta simetria externa mantém-se no interior. O lado inferior apresenta cinco blocos rectangulares colocados sucessivamente uns por cima dos outros, diminuindo progressivamente de tamanho. O mesmo esquema surge nos lados esquerdo e direito, presumindo-se que na parte superior seria o mesmo. A convergência central deste esquema perdeu-se na lascagem da superfície.

Na extremidade superior direita da pedra vê-se uma sequência de traços paralelos que se iniciam todos num longo traço rectilíneo perpendicular, possível reticulado. Está numa posição oblíqua face ao geométrico anterior, cujo canto superior direito se lhe sobrepõe. A sua ampla mutilação não permite mais conclusões.

Na zona central da pedra encontra-se um grande motivo, colocado na vertical. A parte inferior é mais larga e curta, de forma oval, pontiaguda na extremidade. A parte superior é mais estreita e bastante mais comprida, tendencialmente rectilínea, mas também pontiaguda na extremidade. Uma linha recta une as duas pontas, segmentando o motivo em dois. O interior é decorado com longas sequências de traços oblíquos paralelos, que preenchem ambos os segmentos, com inclinações divergentes nas duas partes, formando uma decoração em “espinha-de-peixe”.

No sector superior direito da pedra encontram-se duas figuras de guerreiros a pé. Mantendo a orientação com que temos estado a descrever a peça, ambas as figuras surgem de cabeça para baixo. Ambas estão armadas de lanças e ao contrário dos três guerreiros anteriores, seguram as lanças na vertical, com as pontas voltadas para cima. Estão ambas de perfil, voltadas para a sua esquerda. A primeira destas figuras, estando sobreposta pelo grande motivo rectangular e afectada por efeito de lascagem superficial, tem má visibilidade. A cabeça é no entanto de forma oval achatada. Os dois braços estão levantados ao alto. O braço da direita termina na parte central de uma figura de lança, com a ponta voltada para cima (na nossa perspectiva para baixo). O outro guerreiro está a baixo e à direita do anterior. O corpo é largo e recto, com pernas e braços largos e musculados, pés quase rectangulares, braços levantados ao alto. Segura duas lanças, uma em cada mão, com a ponta voltada para cima. A do esquerdo do guerreiro é segurada pela sua parte central, como as restantes lanças desta pedra. Porém, a do lado direito é segurada pela extremidade oposta à ponta, esta de forma ovalada, estreita e comprida, terminando sobre o risco que delimita o dorso de um quadrúpede, javali. Por fim, a cabeça do guerreiro de forma ovalada, poderá talvez ter um olho representado na parte superior.

Para baixo dos dois guerreiros, no lado direito da pedra, surge uma figura de animal quadrúpede, que interpretamos como um javali. A sua orientação é similar à dos primeiros guerreiros e cavaleiro. Está inclinado face ao actual eixo da pedra, parte traseira à esquerda e em baixo, parte dianteira à direita e para cima, surgindo aos nossos olhos em posição normal e não invertida. O corpo é curto e largo, de aspecto maciço. O dorso é rectilíneo, tendo em todo o seu comprimento uma sequência de pequenos traços perpendiculares, que se podem interpretar como as cerdas do javali. A cabeça é larga e rectangular. No topo tem uma pequena orelha apontada para a frente. Pode estar representado de boca aberta. Das terminações superior e inferior da cabeça saem, para cima e para baixo respectivamente, dois pequenos traços curvos, podendo estes corresponder às presas do animal. Tem dois pares de patas, à frente e atrás, inclinadas para a frente. A traseira é fortemente arredondada. Tem uma pequena cauda, que arranca da parte superior da traseira, e que faz uma curva sobre si própria, como é típico dos suínos.

As figuras humanas que estariam numa posição normal face ao javali numa eventual cena de caça, seriam o primeiro cavaleiro e o primeiro guerreiro, ambos no sector inferior esquerdo da pedra. Mas

¹⁷ Segundo informação pessoal cedida pelo arqueólogo Mário Reis, Museu do Côa, a quem agradecemos.

também há a possibilidade de que todas ou quase todas as figuras humanas representadas integrem a cena de caça. Se assim for, então esta cena é feita para ser vista rodando a pedra, pois dois guerreiros e o segundo cavaleiro surgem em posição invertida face ao javali e às outras figuras humanas. Poderemos apontar como possível paralelo na região do Côa, a cena da rocha 10 do Vale da Casa (BAPTISTA, 1983: 57; 1983-84), numa rocha de painel horizontal.

Terminando, voltamos ao princípio, ao canto inferior direito da pedra. Por baixo do javali, e sobreposto a reticulado, encontra-se a figura de um cavalo. Não tem cavaleiro. A cabeça é muito parecida com a do primeiro cavalo, rectangular e estreita, pouco naturalista e mais pequena, com duas pequenas orelhas no topo. Os dois traços que formam o rectângulo da cabeça terminam abruptamente, sem união entre eles.

Ao todo temos 14 motivos principais: três guerreiros, um com espada curva embainhada e lança, outro com uma lança, e outro com duas lanças; dois cavaleiros, ambos a cavalo, com lança e sistema de rédeas; um cavalo; um javali; um quadrúpede indeterminado; uma ponta de lança, e cinco geométricos (reticulado, grande motivo quadrangular, dois motivos em ziguezague e um geométrico incompleto). Podemos apontar então um total de 25 figuras: cinco antropomorfos, três cavalos, um javali, um quadrúpede indeterminado, cinco geométricos, seis lanças inteiras, uma ponta de lança, dois sistemas de rédeas e uma espada curva embainhada.

4.1. A estratigrafia dos motivos gravados

Apesar de algumas sobreposições do conjunto de motivos gravados na Laje 1 do Castelinho serem pouco evidentes à vista desarmada, sobretudo devido à técnica de gravação utilizada, traço contínuo muito fino, obtido por fricção ou esfregamento da rocha - traços filiformes - (Baptista, 1983: 58), é-nos possível aferir com alguma segurança, através de uma observação atenta de cada sobreposição, à lupa, uma primeira leitura estratigráfica dos motivos gravados. O primeiro motivo a ser gravado terá sido o reticulado. Os traços desta gravura apresentam maior profundidade, tendo sobre este motivo sido gravadas todas as restantes figurações da laje, com excepção do guerreiro localizado no topo superior direito. Imediatamente sobre o reticulado foi gravada a figuração em “espinha”, materializando-se o motivo através de incisões bastante profundas, sendo estas bem mais vincadas que as do reticulado. Por sua vez, o motivo em “espinha” é “cortado” pelo motivo em “pirâmide”, que também foi realizado sobre o reticulado. Tanto a figuração em “pirâmide” como o motivo em “espinha”, são cortados pelo “cavaleiro” gravado no canto superior esquerdo da laje. O guerreiro no canto superior direito da mesma foi desenhado sobre a figuração em pirâmide, encontrando-se o seu braço esquerdo a aproveitar a linha em escadado desta. O cavalo acima do guerreiro com espada foi representado cortando quer o motivo em “espinha” quer o reticulado. O guerreiro com espada sobrepõe-se, igualmente, ao reticulado. O cavalo localizado no canto inferior direito, apesar de utilizar um traço bastante mais ténue que o reticulado, foi gravado sobre este. A gravação do javali é igualmente realizada sobre o reticulado, chegando mesmo a aproveitar-se um dos traços deste motivo geométrico para ser criada a pata esquerda dianteira deste. Por último, o guerreiro com a lança na vertical, situado no topo superior direito da laje, encontra-se também ele gravado sobre o reticulado. Analisando este conjunto de observações relativas à sobreposição das figurações presentes na Laje 1 do Castelinho, podemos apontar para quatro grandes momentos de gravação. Um primeiro com a gravação do reticulado¹⁸, um segundo com a gravação do motivo em “espinha” e um terceiro com a gravação do motivo em pirâmide. O quarto e último momento de gravação, é composto por todas as figuras antropomórficas e zoomórficas, que por sua vez cortam os motivos geométricos dos momentos anteriores. Pelo exposto, parece verificar-se uma organização cronológica dos motivos por estilo, embora sendo utilizada sempre a mesma técnica de gravação. Parece-nos claro que os motivos geométricos presentes foram os primeiros a ser registados, não se evidenciando qualquer tipo de organização espacial entre si. Posteriormente a estes foram gravados todos os motivos zoomórficos e antropomórficos, parecendo estes sim possuir uma organização espacial bem definida.

¹⁸ Não sabemos se esta gravação, pelo que atrás referimos, não poderá ter ocorrido ainda no próprio afloramento rochoso, podendo todos os restantes motivos sido gravados a partir de um bloco/laje dali retirado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Torna-se difícil, embora já o tenhamos feito anteriormente, utilizar a palavra povoado para nos referirmos ao sítio do Castelinho. O conjunto de estruturas ali presente, embora nem todas contemporâneas dada a sua longa diacronia, não evidencia uma utilização daquele espaço com contextos nitidamente habitacionais, sendo de salientar sim a existência de um conjunto verdadeiramente assinalável de construções relacionadas com armazenagem, muito provavelmente de cereais e outros eventuais produtos agrícolas (*Horrea*). Teria este lugar sido construído com esse único propósito, o de se constituir como uma grande área de armazenagem fortificada? Terão os contextos habitacionais sido apagados, por completo, da parte superior do esporão — plataforma central — pelo uso intenso agrícola a que o sítio foi sujeito após o seu abandono ou localizar-se-iam mesmo no exterior do recinto?

No que toca aos elementos gravados, colocamos a hipótese dos mesmos terem sido realizados na Idade do Ferro, devendo estes corresponder, sem grandes dúvidas à fase de ocupação mais dilatada deste lugar. A sua reutilização em estruturas perfeitamente enquadráveis na última fase de ocupação deste sítio — finais do séc. I a. C./ inícios do séc. I d. C. — é, para nós, uma evidência da profunda remodelação a que este terá sido votado nesta época¹⁹, reutilizando-se parte do material gravado de antigas construções em novas estruturas, tendo-se outro descartado, notoriamente, no preenchimento do fosso 3²⁰ e nos níveis de aterro que deram lugar às novas cotas de circulação/utilização deste lugar tão particular.

Janeiro de 2013

6. BIBLIOGRAFIA

- AZEVEDO, R., COSTA, A. J., PEREIRA, M. (1979), Documentos de D. Sancho I (1174 – 1211). Vol. I. Coimbra, Universidade de Coimbra, p. 198.
- BAPTISTA, A. M. (1983), “O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa)”, *Arqueologia*, 8, pp. 57-69.
- BAPTISTA, A. M. (1983-84), “Arte rupestre do norte de Portugal: uma perspectiva”, *Portugália*, nova série, 4-5 [Actas do Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste, Novembro de 1983], Porto, pp. 71-82.
- COSME, S. (2008), “Proto-história e Romanização entre o Côa e o Águeda”, *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, vol. 3, Porto, pp. 72-80.
- HÖCK, M. (1980), “Corte estratigráfico no Castro de S. Juzenda (Concelho de Mirandela)”, *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. II, Guimarães, Sociedade Martins Sarmento, pp. 3-18.
- HÖCK, M.; COELHO, L. (1974), «O Castro de São Juzenda em Vale de Prados, Mirandela (Nota preliminar)», *O Arqueólogo Português*, Lisboa, pp. 203-208.
- LEMONS, F. S. (1993), Povoamento romano de Trás-os-Montes Oriental, Universidade do Minho, Braga (Tese de doutoramento policopiada).
- LEMONS, F. S. (2008), “Muralhas e Guerreiros na Proto-História do Norte de Portugal”, *III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*, vol. 3, Porto, pp. 8-28.
- LUIZ, L. (2010), “A construção do espaço numa sociedade proto-histórica: a arte rupestre do Vale do Côa”. *Espaços e Paisagens. Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas*, vol. 3, *História, Arqueologia e Arte*, Coimbra, pp. 53-67.
- SANCHES, M. J. (org) (2008) *O Crasto de Palheiros (Fragada do Crasto)*, Murça-Portugal, Município de Murça, Murça.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1929), *As ruínas castrejas da Cigadonha (Carviçais)*, Porto, Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1952), “O Castro de Sampaio (Vilarica)”. *Revista de Guimarães*, 62 (3-4), Guimarães, pp. 299-306.

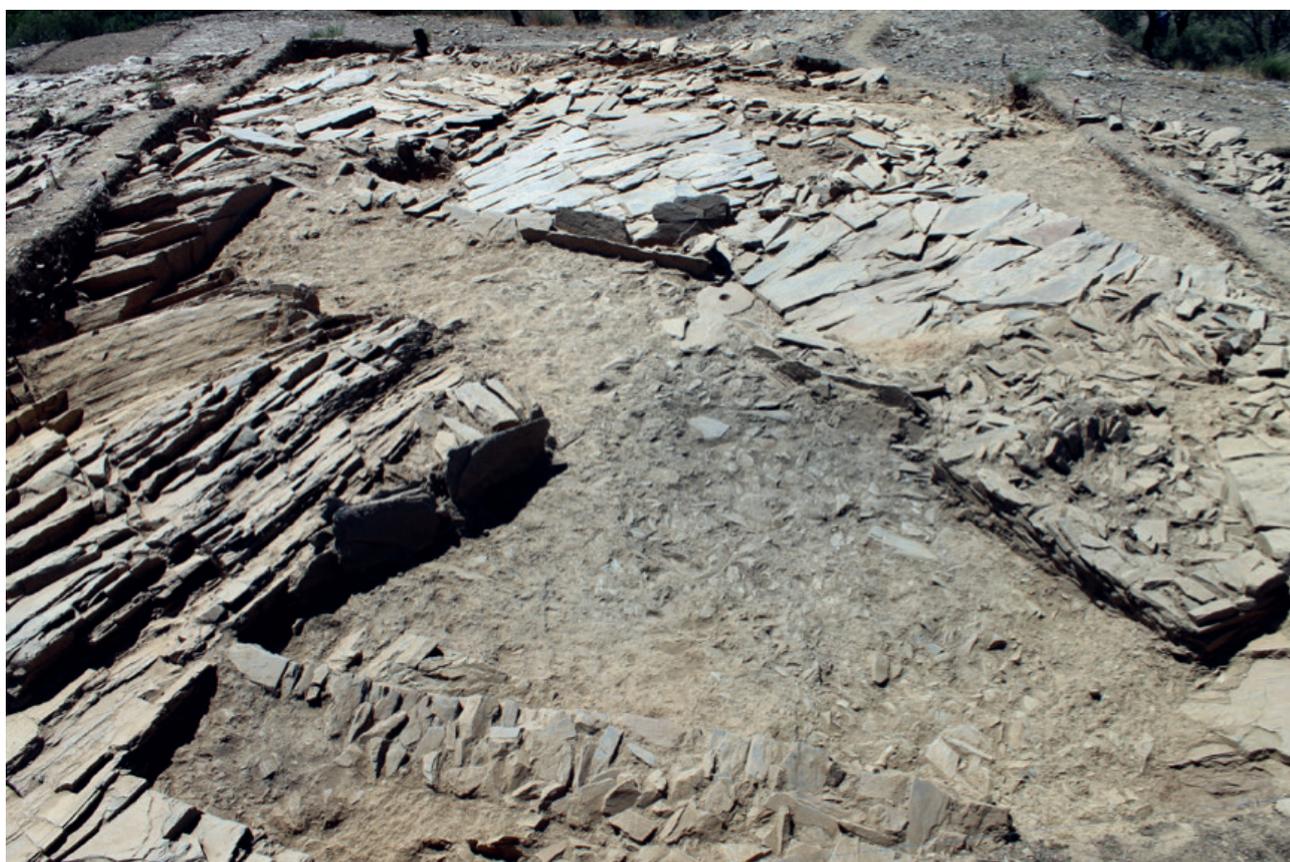
¹⁹ Com claras influências do domínio romano na região. Saliente-se, por exemplo, o achado de um numisma de Augusto nos níveis inferiores do edifício conotado com um celeiro localizado na parte este do recinto interno do Castelinho.

²⁰ Uma das lajes aqui identificadas deverá corresponder a uma inscrição, até à data ilegível, realizada com caracteres latinos. Agradecemos a informação prestada sobre este elemento ao Professor Amílcar Guerra.

- SANTOS JÚNIOR, J. R. (1957), "O Castro de Carvalhelhos", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 16 (1-2), Porto, pp. 25-62.
- SANTOS, F.; LADRA, L. (2012), "A cabeça antropomorfa do Castelinho. Um novo elemento de plástica antiga em Trás-os-Montes". In *os celtas na Europa Atlântica, III Congresso Internacional sobre a cultura Celta. Instituto Galego do estudos Celtigos, Narón*.
- SANTOS, F.; PINHEIRO, E.; ROCHA, F. (2012), "O povoado fortificado do Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Dados preliminares de uma intervenção arqueológica por um sítio da Idade do Ferro de Trás-os-Montes Oriental". In *Arqueología en el Valle del Duero. Del Neolítico ala Antigüedad Tardía: nuevas perspectivas. Zamora*, pp. 119-128 (Actas de las Primeras Jornadas de Jóvenes Investigadores en el Valle del Duero).
- SANTOS, F.; SASTRE, J.; FIGUEIREDO, S.; ROCHA, F.; PINHEIRO, E.; DIAS, R. (2012), "El sitio fortificado del Castelinho (Felgar, Torre de Moncorvo, Portugal). Estudio preliminar de su diacronía y las plaquetas de piedra con grabados de la Edad del Hierro", *Complutum*, 23 (1), pp. 165-179.



1. Vista sobre a extremidade norte do sítio fortificado do Castelinho.



2. Vista geral das estruturas de armazenagem — *horrea* — localizadas na extremidade SO do recinto interno



Vista geral sobre o sítio do Castelinho, assinalando-se a localização da Laje 1.



Vista geral sobre as estruturas de armazenagem — *horrea* — localizadas na extremidade Este do recinto